

Amizade acima das patentes

O coronel Affonso Heliodoro está longe da figura tradicional do "velhinho". Trabalha até hoje — é presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF — e acompanha com atenção o que acontece na política brasileira e não tem dúvida de que "as idéias, a ousadia e a firmeza e a inteligência" do ex-presidente Juscelino Kubitschek fazem falta ao cenário político brasileiro: "Os tempos eram outros. Com Juscelino haveria menos espaços para escândalos e corrupção."

Ontem, primeira fase do seu depoimento ao Museu Nacional

da Imagem e do Som, ele contou fatos da sua vida pessoal anterior ao encontro com Juscelino. Mesmo assim, já havia ligação com a família do ex-presidente. Sua professora do primário foi a mãe de JK, Júlia. "Séria e severa, uma vez me bateu com a vara de marmelo no dedo: 'A gente não lê com o dedo, disse.' Nunca me esqueci disto", lembra.

■ O capitão e o soldado

O encontro com JK aconteceu em 1933. Juscelino era capitão médico do Exército e Affonso, soldado da Polícia Mi-

litar que visitava o hospital em que o ex-presidente trabalhava. "Mesmo sendo de corporações diferentes e com patentes muito distantes, a amizade surgiu", assinala o coronel.

Os fatos da vida política decorrentes ficarão para a segunda parte do depoimento de Affonso. Dele constarão o início da carreira do ex-presidente, sua eleição para governador de Minas Gerais, a indicação para concorrer à Presidência da República, a construção de Brasília, a cassação, o exílio e sua morte prematura em 1976.